



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8671797>

Artigo Original

## Educação Física, ontologia marxista e materialismo sem corpo

*Physical Education, Marxist ontology and bodiless materialism*

*Educación física, ontología marxista y materialismo sin cuerpo*

Elder Silva Correia<sup>1</sup> 

Fábio Zoboli<sup>2</sup> 

Felipe Quintão de Almeida<sup>3</sup> 

### RESUMO

Objetiva retomar reflexões de estudos anteriores para fazer a crítica a ontologia marxista a fim de interpelar consequências da “virada ontológica” no campo da Educação Física. Conclui-se que falta a perspectiva ontológica em pauta reconhecer a existência de uma linguagem corpórea como via legítima do conhecimento, um saber orgânico, um conhecer no mover-se que é aquém da consciência, que antecede a compreensão humana e que só é possível porque há um corpo que age no mundo. Assim, acena para uma reversão de tal ontologia, indicando que seu avesso pode ser um caminho fértil para uma virada ontológica na Educação Física a partir das variações intensivas do corpo.

**Palavras-chave:** Corpo. Ontologia. Marxismo. Educação Física.

<sup>1</sup> Faculdade do Nordeste da Bahia. Colégio Americano Batista, Aracajú-SE, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Educação Física, São Cristóvão, SE, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Departamento de Ginástica, Vitória-ES, Brasil.

#### Correspondência:

Felipe Quintão de Almeida. Rua Ludwik Macal, 435, apto 301, bloco A, Edifício Amariles, Vitória - ES, CEP 29060-030. Email: [fgalmeida@hotmail.com](mailto:fgalmeida@hotmail.com)



## ABSTRACT

The purpose of this paper is to resume reflections on previous studies to criticize the Marxist ontology in order to question the consequences of the "ontological turn" in the field of Physical Education. The conclusion is that the ontological perspective in question fails to recognize the existence of a body language as a legitimate way of knowledge, an organic knowledge, a knowing in movement that is beyond consciousness, that precedes human understanding and that is only possible because there is a body that acts in the world. Thus, it points to a turning point of such ontology, indicating that its opposite may be a fertile path for an ontological turn in Physical Education based on the intensive variations of the body.

**Keywords:** Body. Ontology. Marxism. Physical Education.

## RESUMEN

Pretende retomar reflexiones de estudios anteriores de crítica a la ontología marxista para cuestionar las consecuencias del "giro ontológico" en el campo de la Educación Física. Se concluye que la perspectiva ontológica en cuestión carece de reconocer la existencia de un lenguaje corpóreo como forma legítima de conocimiento, un saber orgánico, un saber en movimiento que está por debajo de la conciencia, que precede al entendimiento humano y que sólo es posible porque hay un cuerpo que actúa en el mundo. Así, apunta a una reversión de tal ontología, indicando que su reversa puede ser un camino fértil para un giro ontológico en la Educación Física a partir de las variaciones intensivas del cuerpo.

**Palabras Clave:** Cuerpo. Ontología. Marxismo. Educación Física.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, damos prosseguimento a uma reflexão realizada em outro lugar (ALMEIDA; VAZ, 2010), mas que desta vez é retomada no âmbito de uma investigação desenvolvida numa tese de doutorado (CORREIA, 2022). Em comum a ambos os esforços, o exercício de pensar as consequências de uma “virada ontológica” no campo da Educação Física (EF). Mais precisamente, o objetivo é discutir, nesta investida, “o que pode o corpo e o movimento” no âmbito de um giro ontológico.

Embora o argumento de “retorno à ontologia” esteja presente em diferentes interpretações do marxismo na área (ÁVILA, 2008; ÁVILA; MULLHER; ORTIGARA, 2007; HÚNGARO, 2001, 2008; GAMBOA, 2007), vamos dialogar com textos que retomam o argumento ontológico e dele derivam consequências para o corpo e o movimento. Neste caso, ganha centralidade a tese de doutorado de Ortigara (2002), cujos argumentos se atualizam em outros lugares (ORTIGARA, 2011), bem como a dissertação de Oliveira (2018). A centralidade de ambas as produções se deve a ideia de que a retomada ontológica na Educação Física (para o corpo e o movimento) acena, apesar dos seus argumentos, para uma desvalorização do corpo mediante a um afastamento da animalidade. De nossa parte, por sua vez, defendemos uma valorização ontológica do corpo e do movimento a partir de uma espécie de *continuum* que atravessa o humano e o animal.

Para alcançar o objetivo proposto, organizamos o texto de modo a, inicialmente, descrever a posição dos autores. Nas considerações finais problematizamos alguns aspectos da virada ontológica pretendida, acenando para um caminho distinto.

## EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E MOVIMENTO NA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

Em sua tese de doutorado, Ortigara (2002) denuncia, nos estudos da EF, a ausência de abordagens orientadas por uma determinação ontológica, mais precisamente, aquela inspirada na perspectiva de Gyorgy Lukács e sua “ontologia do ser social”. A opção por essa compreensão de ontologia se dá na medida em que, segundo o autor, ela é capaz de uma “[...] explicitação realista e crítica do processo de produção e reprodução de homens e mulheres” (ORTIGARA, 2002, p. 1). Ortigara (2002, p. 29) entende que

Os enfoques sobre o corpo e o movimento humano que a Educação Física tem privilegiado não buscam explicar sua real constituição como específicos do ser social. A explicitação dessa realidade exige a compreensão da condição originária de homens e mulheres como seres que produzem e reproduzem as suas

próprias condições de existência. Nessa atividade produzem a si mesmos e, no interior desse processo, produzem e reproduzem sua corporalidade e seu movimento. Sob essa exigência, afirmamos a necessidade de um enfoque que considere a sua existência concreta, isto é, a abordagem ontológica do ser social.

Referindo-se, especificamente, ao Coletivo de Autores, Ortigara (2002) entende que a ausência de uma reflexão propriamente ontológica na obra causa limites no que tange ao alcance da crítica que se pretende, na medida em que os autores não aprofundam as reflexões acerca dos fundamentos teóricos que orientam a proposta. Neste sentido, o autor aponta alguns pontos que demonstram lacunas na abordagem em questão:

[...] de que forma ocorreria a historicização dos conteúdos, os ciclos de escolarização propostos em relação à estrutura curricular e a relação entre a categoria atividade e as proposições pedagógicas? Os principais questionamentos comumente feitos a essa proposta referem-se ao conceito de Cultura Corporal e expressão corporal como linguagem. Se a abordagem é da Cultura Corporal, seria esta complementada pela Cultura Intelectual? 'Uma leitura crítica da realidade a partir de reflexões sobre a cultura corporal, seria um aprendizado crítico do movimento capaz de ir além de um 'discurso crítico' sobre o mesmo?' (FERREIRA, 1995, p. 217). O que significa o conceito de Cultura Corporal e qual a sua determinação? (ORTIGARA, 2002, p. 20).

Embora o autor reconheça que tal abordagem produziu avanços significativos para a EF brasileira em relação a compreensão do movimento humano, ele avalia que existem problemas sobre a compreensão da especificidade "[...] ontológica do andar, do correr, do saltar, do pular, etc., como específicos da atividade humana" (ORTIGARA, 2002, p. 1). Nessas circunstâncias, Ortigara (2002) acenará para a ontologia do ser social de Lukács como possibilidade para a EF enfrentar seus desafios pedagógicos com o movimento humano. Para tanto, Ortigara (2002) centrar-se-á na discussão lukacsiana acerca do gênero humano e do trabalho (enquanto elemento ontológico) como fundamento do salto da genericidade, isto é, um salto do gênero orgânico (o ser da natureza) para a genericidade humana ou o ser social – isso se dá a partir da teoria dos níveis do ser, presente na obra de Lukács.

Na referida teoria, há três espécies de ser, a saber: o ser inorgânico, o ser orgânico e o ser social, de modo que para compreender melhor a essência e especificidade do ser social, deve-se levar em conta a dinâmica da conexão entre essas espécies de ser (ORTIGARA, 2002). Lukács entende que a dinâmica social – do ser social – é complexa, ao ponto de não ser possível sua completa compreensão; porém, pode ser estabelecida "[...] uma inter-relação na formação humana, desde que se realize uma aproximação o mais correta possível da realidade concreta [...]" (ORTIGARA, 2002, p. 32).

Para entender isso, é necessário levar em conta que o movimento que

constitui o ser mantém sua base orgânica, mas a supera, pois não se limita a comportamentos constantes como acontece no caso dos animais (ORTIGARA, 2002). Por isso, segundo Ortigara (2002), uma compreensão ontológica de tal problema elucida acerca da concreticidade ontológica do corpo e do movimento como especificidade do ser social e sua atividade. É daí que vem a necessidade, segundo o autor, de um estudo acerca da ontologia do ser social em Lukács, pois somente a partir da apreensão da constituição do humano como ser social, e a participação do trabalho como categoria ontológica, que é possível conhecer a realidade do movimento que é específico da atividade humana e sua relação com o desenvolvimento e aprendizagem no âmbito da EF.

O movimento é específico da atividade humana, pois o ser social é quem cria suas condições próprias para se produzir e reproduzir; indo além de suas necessidades orgânicas, desloca-se da relação imediata da natureza, algo que não é possível aos animais, já que são determinados pela sua condição biológica (ORTIGARA, 2002). No ser social sua ação é intencional, orientada por finalidade, ou seja, uma posição teleológica que antecipa o produto que pretende produzir (ORTIGARA, 2002). A citação a seguir é esclarecedora a esse respeito:

[...] no pôr teleológico, ao transformar as causalidades, não supera as legalidades determinadas por estas. Na pedra ou no ferro em-si, por exemplo, não há nenhum indício de que possam transformar-se em machado; apenas com a ação intencional do ser social a nova objetividade machado pode tornar-se real, porém as legalidades internas da pedra ou do ferro não são alteradas. Do mesmo modo, comer é uma necessidade natural, mas comer a carne crua rasgando-a com unhas e dentes é totalmente diverso de comê-la cozida e utilizando-se de garfo e faca. Andar pelas ruas ou parques como atividade física com vistas à manutenção da saúde fisiológica do corpo é diverso de andar pela rua à procura dos meios de assegurar a própria vida (ORTIGARA, 2002, p. 206-207).

E continua,

Nesse aspecto, a reprodução do ser social descola-se da determinação biológica imediata. O desenvolvimento do ser social movimenta-se a partir do fundamento biológico, mas o faz tomando como base formas já sociais. Os sons passam a ser linguagem ou música, as cores arte figurativa ou escrita. O andar e o correr tornam-se esportes. Homens e mulheres permanecem seres insuprimivelmente biológicos – nascem, crescem e morrem – , mas mudam radicalmente sua inter-relação com o ambiente, enquanto intervêm ativamente sobre ele com o pôr teleológico. Sujeitando o ambiente a transformações pretendidas, sofrem as próprias transformações. É nesse processo que o andar, o correr, o saltar, o pular, o jogar, a princípio determinados biologicamente, passam por transformações que os tornam atividades sociais (ORTIGARA, 2002, p. 2010-2011).

Oliveira (2018), também a partir da leitura da obra lukacsiana, nos lembra

que o humano trabalha e constrói sua existência por ter seu próprio corpo submetido ao controle da consciência humana, formando uma unidade indissociável. Isso significa que este movimento – de controle sobre o corpo – participa do próprio processo de gênese do ser social, ou seja, o salto ontológico do orgânico para o social (OLIVEIRA, 2018). Segue Oliveira (2018) dizendo que

O homem foi definido, várias vezes, como o animal que fabrica ferramentas. É correto, mas é preciso acrescentar que construir e usar instrumentos implica necessariamente, como pressuposto imprescindível para o sucesso do trabalho, que o homem tenha domínio sobre si mesmo. Esse também é um momento do salto [...] da saída do homem da existência, meramente animal. [...] o Homem realiza o autodomínio sobre si mesmo como premissa necessária para realizar os próprios fins que se impôs no trabalho. Também sob esse aspecto o trabalho se revela como instrumento da autocriação do homem como homem. [...] Com a sua autorrealização que, naturalmente, também pode significar nele mesmo um retrocesso das barreiras naturais, embora jamais um completo desaparecimento delas, o Homem ingressa num novo ser, por ele mesmo fundado: o ser social (LUKÁCS, s/d, p. 46 *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 136).

Segundo Oliveira (2018), esse domínio sobre o corpo, que garante o salto ontológico para o ser social, é a própria gênese da EF. É necessariamente devido a essa relação entre o estatuto pedagógico da EF e sua gênese ontológica, que Oliveira (2018) entende que a formação é uma imbricação entre o processo de adaptação biológica, a mediação do trabalho neste processo e uma (re) produção social geradas por saltos ontológicos superiores aos níveis do ser superados, como o ser orgânico.

Diante disso, as implicações que Oliveira (2018) extrai da ontologia do ser social para a EF se aproximam daquelas de Ortigara (2002), sobretudo acerca da necessidade que ambos os autores têm de insistirem em especificar o ser humano e o movimento humano, marcando o – necessário – salto ontológico do orgânico para o social. Oliveira (2018) utiliza o exemplo do atletismo para destacar o movimento humano e o salto ontológico e marcar o complexo social da EF: enquanto no primeiro estágio do ser social o correr, o saltar e o lançar atendiam necessidades orgânicas do ser, o homem que corre para garantir sua sobrevivência não é o mesmo que corre 100 metros em menos de 10 segundos para vencer uma prova de atletismo (OLIVEIRA, 2018). O autor explica isso a partir do salto ontológico:

[...] em determinado momento histórico o homem não necessitou entrar em metabolismo com a natureza de forma sempre imediata, ou seja, conseguiu produzir sempre um excedente que o possibilitou desenvolver os elementos 'naturais' do seu processo de produzir a si mesmo em elementos sociais executados fora da esfera da necessidade, assim como, quanto maior a produção desse excedente que possibilite que todos trabalhem menos, maior serão as possibilidades dos seres singulares desenvolverem suas

capacidades humanas enquanto complexos autônomos e sociais (OLIVEIRA, 2018, p. 147).

Por isso, manifestações como o esporte possuem um caráter biológico que é incapaz de ser subtraído, mas que são determinados pelas relações sociais, ao passo que o próprio caráter biológico acompanha o desenvolvimento do ser social, que é também determinado pelas relações sociais (OLIVEIRA, 2018). Isso significa que é necessário lembrar que o ser social se desenvolve quanto mais afastar-se do orgânico, do caráter biológico, mesmo sendo incapaz de estar completamente fora dele. É isso que permite Oliveira (2018) afirmar que o desenvolvimento das capacidades do ser social depende do afastamento da dimensão biológica que produz a relação homem x natureza, para uma aproximação da relação cada vez mais social homem x homem. Neste sentido, isso é desejável para qualquer atividade social, dentre elas a própria EF, marcando, assim, a determinação a partir do ser social.

A partir dessa dependência ontológica, Oliveira (2018, p. 175) indica suas consequências para a ação pedagógica da EF:

A Educação Física é uma atividade corporal que possui intencionalidade e, portanto, é a ação consciente. Somente os homens podem realizar essa atividade, que assim como o seu modelo de práxis fundando, o trabalho, também possui teleologia e causalidade. O debate do que é Educação Física não é necessariamente novo. Contudo, ainda é uma questão aberta. Entender o complexo da Educação Física como partícipe no ato da própria constituição do homem enquanto ser natural abre caminhos para um entendimento ontológico da Educação Física como um complexo sempre necessário na reprodução social.

Por isso que, para o autor, a EF será sempre, independentemente da formação social, um controle consciente do corpo, e por isso ela é condicionada pelas circunstâncias históricas criadas (OLIVEIRA, 2018). Nesse contexto, o autor insiste que a pergunta não pode ser "o que é a EF?", mas "[...] qual a função social que a Educação Física, ontologicamente necessária na reprodução social, cumpre restritamente no modo de produção capitalista?" (OLIVEIRA, 2018, p. 175). Disso Oliveira (2018, p. 176) retira uma implicação para o objeto da EF:

Se considerarmos o objeto da Educação Física o movimento humano, a Educação Física perde o caráter de finalidade. Pois o corpo só se movimenta porque possui uma consciência que media seus movimentos a partir de uma necessidade objetiva. Nesse sentido, quando estamos tratando das capacidades corpóreas, em nada tem a ver com o conceito de a Educação Física ser o movimento humano. Pelo contrário, a Educação Física é uma atividade que necessita sim do movimento humano, mas não de forma isolada. Esse movimento é sempre uma intencionalidade objetivada de acordo com as capacidades e potencialidades historicamente desenvolvidas pela subjetividade do indivíduo que realizou o pôr.

Aqui Oliveira (2018) marca, como Ortigara (2002), na especificidade do movimento humano o horizonte da normatividade da ação pedagógica da EF diante sua dependência ontológica (do ser social): a EF é essencialmente humana, portanto, social, pois os esportes, as danças, as lutas etc., só podem ser praticados pelo humano, mediante a finalidade e intencionalidade de suas ações (teleologia), diferenciando-se do animal, que pela determinação orgânica não tem suas ações dotadas de finalidade (OLIVEIRA, 2018):

Mesmo o cavalo que salta em uma prova do hipismo, salta por desejo do seu cavaleiro. O cavalo exerce a função da transposição da barreira porque foi treinado para realização daquele movimento. Se o cavaleiro perde o horário da próxima participação do conjunto, tendo deixado o cavalo solto em um campo, o cavalo, mesmo treinado, não retorna sozinho e começa a realizar a competição, porque o saltar do cavalo não é uma atividade de pôr teleológico do cavalo. O cachorro que foi treinado para brincar de futebol, ensinado a conduzir perfeitamente a bola por um determinado espaço, mostrando-se habilidoso, se difere qualitativamente de um menino do sexto ano que o pai o ensina conduzir a bola, mesmo que com dificuldade. O cachorro só vai brincar de futebol novamente se o seu criador assim desejar, ao passo que o menino, se for retirado seu brinquedo bola, e ele sentir a necessidade de brincar de futebol, pedaços de pano, folhas de papel amassadas enroladas em camadas, tampinha de garrafa, e entre outras coisas, podem se tornar o brinquedo desejado. Porque o diferentemente dos demais animais, não está preso as suas condicionantes biológicas. O arremesso de uma pedra para afastar um animal, por mais primitivo que seja, é essencialmente social, assim como, construir uma bola de meia (OLIVEIRA, 2018, p. 175-176).

Nessa esteira de pensamento, o claro afastamento da dimensão da natureza faz parte não só da gênese da Educação Física, como também da formação humana, sendo a EF participante deste processo de formação que se caracteriza pelo salto ontológico (OLIVEIRA, 2018). Segundo Oliveira (2018), isso significa que a EF é um produto ontológico tornado possível mediante o salto do ser orgânico para o ser social, ao passo que esse salto são constituídos também pelos elementos corporais presentes na ação pedagógica da EF; por isso a EF já está presente neste movimento ontológico.

Tais conclusões dialogam diretamente com as análises feitas por Ortigara (2002), pois faltaria na EF uma abordagem da relação entre a totalidade da sociedade e a busca do ser humano para garantir a reprodução da vida. No contexto do movimento humano, no âmbito educativo da tematização do andar, correr, saltar etc., há a necessidade de conhecê-los (no sentido de o que se pretende apreender) a fim de identificar o que os tornam como específicos da atividade humana, do ser social (ORTIGARA, 2002) – isso também está presente em Oliveira (2018). Na falta desta reflexão na EF, segundo Ortigara (2002), o que há na área é a indicação de que a determinação das atividades desenvolvidas pelos homens e mulheres é dada pela cultura, como se as

manifestações desta possuíssem em-si elementos capazes de alterarem complexos que formam o ser social. Além disso, a relação entre o social-natural é vista a partir de dois polos, o humano (homens e mulheres) de um lado e natureza de outro (ORTIGARA, 2002). Diante de tal diagnóstico, o autor conclui que apesar de serem pertinentes, as tematizações da EF não conseguem alcançar a real determinação das manifestações culturais ao não considerar a questão do em-si do corpo (ORTIGARA, 2002).

## **SOBRE PERCORRER O AVESSO DO LIMITE DE UMA ONTOLOGIA MARXISTA E SEU MATERIALISMO SEM CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Após uma descrição da virada ontológica proposta por Ortigara e Oliveira, reservamos essas considerações finais para dirigir duas problematizações à tendência em tela e acenar para um avesso de seu limite.

Começamos dizendo que seria interessante confrontar a leitura do organismo e da natureza na ontologia aqui considerada à luz dos debates contemporâneos a respeito de uma cognição animal e de uma “política animal” (ARAÚJO, 2018; MASSUMI, 2017). Este exercício levantaria suspeitas em relação ao argumento de que a atividade animal é apenas determinada por sua condição biológica (sem intencionalidade, portanto), revelando que os animais têm a capacidade de codificar, transformar e manipular representações simbólicas das texturas espacial, temporal e causal do mundo real para adaptar e organizar o próprio comportamento e seus territórios. Desde o ponto de vista da inteligência animal, a consciência não é uma particularidade do humano, mas é também estendida para o argumento segundo o qual a significação no mundo se produz em diferentes níveis e escalas de organização dos seres vivos e incluiria formas não-humanas de expressão, solapando, assim, a crença antropocêntrica, reproduzida nos textos de Ortigara e Oliveira, de que a criação ou recriação de significação no mundo é condição humana exclusiva.<sup>4</sup> Como argumentou Almeida (2021), existiria, ao contrário, um modo particular de percepção e ação de um organismo em função do conteúdo perceptivo da experiência vivida ou mundo próprio. É nesse contexto que se pode falar em uma biossemiótica ou na significação como uma propriedade biológica fundamental.

Conforme a expressão de Jakob Von Uexküll, um dos precursores da biossemiótica, haveria uma “sinfonia de significação na natureza”, cujas formas dependem dos processos engendrados entre organismo e o meio. Ainda segundo aquele autor, as explicações mecanicistas, como a aqui analisada, são cegas para a relevância de significação no comportamento do organismo no seu

---

<sup>4</sup> Recentemente Betti (2021) defendeu a necessidade de tratar a semiótica, mais precisamente a de Charles Peirce, como uma pansemiótica, ao considerar que todo o universo, os humanos e os não-humanos (como os animais), são potencialmente produtores de signos.

acoplamento com o meio ambiente. Na sua famosa descrição do comportamento do carrapato, *Uexküll* introduz a noção de *Umwelt* (literalmente: meio-ambiente) (mundo subjetivo da percepção dos organismos) para ilustrar como os organismos percebem os objetos por diferentes modos em função de seus respectivos equipamentos sensoriais. Nos termos de *Uexküll*, longe de ser uma entidade passiva no mundo, o carrapato é um “sujeito” em oposição às teorias mecanicistas que entendem os seres vivos como máquinas. Segundo a interpretação de Araújo (2018, p. 110), “[...] a noção de *Umwelt* indica uma abordagem sistêmica da própria noção de organismo: o que se pode compreender de um organismo é sua relação de significação com o mundo que é contextual e concretamente situada”. Em tais circunstâncias, o significado é uma propriedade da vida dos seres vivos ou animados e que não representa unicamente o resultado do uso humano da linguagem (ARAÚJO, 2018) ou, no caso da perspectiva em análise aqui neste texto, da capacidade ontológica do trabalho como categoria fundante do humano.

Dito de outro modo, a compreensão da significação, do pensamento e da linguagem deveria ser colocada em termos de relação entre organismo e meio, ocasião em que a intencionalidade (a consciência, portanto) está engendrada em um *background* de processos incorporados (físicos, biológicos, psicológicos, sociais, históricos) entre organismo e meio das quais não podemos nos isolar abstratamente. A capacidade de significação está na dependência da condição dos aparelhos perceptivos e motores do organismo, de maneira que haveria uma continuidade (não um dualismo, como na perspectiva aqui descrita) – um *continuum* – entre a condição corporal e a expressão, tornando o corpo, assim, o elemento primário da significação, a matriz de um campo semântico.

A partir dessa mesma lógica argumentativa, a brincadeira animal é a temática central do livro “O que os animais nos ensinam sobre política”, do filósofo canadense Brian Massumi, na qual o autor busca pensar uma ética a partir da brincadeira animal; em seu empreendimento, elabora uma “política animal”, ao invés de uma “política humana do animal”. Em um movimento ambicioso, Massumi (2017) assume no texto um “pensamento animal”, o aproximando de capacidades sobre as quais os humanos acreditam que possuem uma exclusividade, como é o caso da linguagem e do pensamento reflexivo, e para isso, o autor parte de um *continuum* entre os animais humanos e não humanos (ou um *continuum* da vida).

Tomando o exemplo de dois filhotes de cachorro brincando de lutar, Massumi (2017) sinaliza que os animais desempenham atos similares aos de um combate, mas que não são os mesmos, não havendo então identidade entre brincadeira e luta (combate). Nesse caso, o que faz diferença entre luta e brincadeira é o gesto, mais especificamente o que o autor chamou de “gesto lúdico”, no qual através da intensidade da mordida, um filhote diz ao outro “isto é uma brincadeira” (MASSUMI, 2017). Paradoxalmente, justamente através da

mordida, um filhote informa ao outro que não se trata de uma mordida, mas uma brincadeira.

Esse gesto lúdico, diz Massumi (2017), põe a ação “mordida” na lógica da brincadeira, fazendo com que os animais envolvidos sejam transportados para uma “arena de atividade”; este é o motivo pelo qual o autor destaca que o gesto lúdico opera uma força de transformação transindividual, na medida em que o gesto lúdico é performativo.

Isso significa que tal transformação carrega consigo um elemento de metacomunicação, a reflexividade. É através do gesto lúdico que a arena de combate e de brincadeira entram em uma zona na qual Massumi (2017) chamou de zona de indiscernibilidade, na qual, ao invés das diferenças entre luta e brincadeira se apagam, entrando em uma espécie de indiferenciação, elas se unem ativamente, possuindo uma lógica de mútua inclusão. Isso está expresso nos próprios gestos presentes na brincadeira entre os filhotes: na medida em que um filhote morde o outro, ou melhor, mordisca, dizendo então que aquilo não se trata de uma luta, ao mesmo tempo ele pratica o gesto de morder que é característico da luta.

Aqui, não entram somente em uma zona de indiscernibilidade a brincadeira e o combate, mas também, a animalidade e a humanidade – ou ainda como se refere Massumi (2017), os animais humanos e não humanos. Se o pensamento humano sofre uma espécie de colapso ao experimentar tal zona, o animal é ativado por ela; porém, destaca Massumi (2017), quando através de um gesto entramos em uma brincadeira, assumimos nossa animalidade.

Na análise de Massumi (2017), a brincadeira cria as condições para a linguagem a partir de sua capacidade metacomunicativa, sendo que a lógica corporificada da brincadeira animal é pré-humana (ontologicamente anterior ao humano), pré-verbal e análoga à linguagem – tal como a brincadeira análoga ao combate, no exemplo da brincadeira entre os filhotes. Isso significa que a metacomunicação precede a comunicação, sendo a primeira condição de possibilidade da segunda; assim, a brincadeira se torna as condições de possibilidade da linguagem/comunicação. Diante dessa lógica, Massumi (2017) especula por que não poderíamos considerar a linguagem humana ser fundamentalmente animal, mediante suas capacidades lúdicas diretamente ligadas à dimensão metalinguística. Desta forma, para o autor, seria na linguagem, nos processos de significações, que o humano atinge seu mais alto grau de animalidade.

A luz dessa compreensão dos processos de significação, e agora introduzimos nossa segunda problematização, concluímos que as iniciativas de nossos interlocutores reproduzem o mesmo limite já identificado em relação a outras abordagens marxistas da Educação Física, entre elas o próprio Coletivo de

Autores (1992).<sup>5</sup> A virada ontológica marxista aqui referenciada é do tipo cognitivista ou desencarnada, e reconhece a natureza (ou o corpo) apenas na perspectiva da sua dominação, do seu controle racional. Nisto, aliás, em nada difere das abordagens tradicionais da Educação Física, pois o corpo é sempre objeto de uma ação racional. Treinar o corpo, dominar a natureza! Dito de outro modo, o giro ontológico materialista proposto opera com uma concepção desencarnada ou cognitivista do conhecimento ao enfatizar uma representação de uma realidade independente que não supera, como alertado por Bracht (2010, 2014), a perspectiva de “acrescentar” ao movimento a consciência. Assim sendo, não deixa espaço para pressupor a existência de um saber eminentemente corporal, de um “movimento crítico” ou, mesmo, para se pensar a relação entre corpo e natureza desde uma perspectiva que não seja a do seu controle, mas da ordem de uma relação reconciliada onde ela possa se “expressar”. O corpo e o movimento carecem, assim, assim, de alguma prioridade nesta perspectiva!

Embora muitos autores já tenham denunciado essa desincorporação (BETTI, 1994, 2006; BRACHT, 1999, 2019), recentemente Vaz (2019) referiu-se a ela ao dizer que, no conceito de cultura corporal, há uma reflexão pedagógica sobre o corpo em que ele não possui um lugar, exceto como destino de uma reflexão. Segundo suas palavras (2019, p. 9),

Se não há corpo, tampouco há desejo, de forma que também na criação de novas possibilidades um saber que não dependa apenas da cognição não pode ser levado em conta. Não há lugar para a produção de conhecimento que reconheça uma dimensão mimética, não racional, ainda que não irracional, da cultura. [...] Faltam as condições para gerar um conhecimento que talvez possa ser não apenas pensado, mas expressado (VAZ, 2019, p. 9).

Este parece ser exatamente o caso da virada ontológica proposta por Ortigara e Oliveira, para quem o corpo e o movimento são substâncias mudas até que a consciência se aproprie deles no salto ontológico do ser orgânico ao ser social. Neste contexto, a própria Educação Física é caracterizada como uma ação consciente, sendo seu objeto, o movimento humano, sempre uma intencionalidade objetivada. Em tais circunstâncias, como já havia alertado Bracht (2009, 2014), a criticidade vem sempre de fora, só depois que se realiza o salto ontológico em direção ao ser social. Pergunta Bracht (2014, p. 276): “[...] se eu quero uma educação emancipatória, não deveria também o próprio movimentar-se ser algo diferente?”

Falta a perspectiva ontológica em análise “abrir-se ao corpo”, “incorporar a intencionalidade”, reconhecer a existência de uma linguagem corpórea que é uma via legítima do conhecimento, um saber orgânico, um conhecer no mover-

---

<sup>5</sup> A expectativa de Ortigara, inclusive, era superar o que ele também identificou como uma ausência no Coletivo de Autores (1992): o em-si do corpo.

se que é aquém da consciência, que antecede a compreensão humana e que só é possível porque há um corpo que age no mundo (portanto, é também autoconhecimento). Quem sabe, uma vez reconhecido os limites da racionalidade, estaríamos aí em condições de construir uma Educação Física que não é só uma ação consciente sobre o corpo e o movimento, mas que se abra também a outras dimensões que os atravessam, como o sensível, a estética etc. Este reconhecimento, inicialmente reivindicado por uma abordagem fenomenológica do corpo também na Educação Física, já ganhou forma a luz de muitos outros referenciais. A virada ontológica pretendida, ao explorar a real constituição do corpo e do movimento como específicos do ser social, assim procede às custas daquilo que eles podem na sua imanência. Mantém, assim, os mesmos limites das abordagens culturalistas da Educação Física que gostaria de ver superado com a abordagem ontológica do ser social.

Nosso objetivo com o presente artigo não se resumiu em mostrar um limite das consequências da ontologia marxista, mais precisamente a de Lukács, para a EF expressas nos trabalhos de Ortigara (2002) e Oliveira (2018). Entendemos que ao mostrar tal limite, é necessário levá-lo às suas últimas consequências ao ponto de revirá-lo, pois como indica Lapoujade (2015), na filosofia de Deleuze e Guattari, transpor um limite significa passar pelo seu avesso. Ora, se Ortigara (2002) identifica que o limite das abordagens culturalistas consiste em não alcançar a real determinação das manifestações culturais da EF, pois não consideram o em-si do corpo, o autor acaba por intensificar ainda mais tal limite quando põe a necessidade de qualificar o movimento como superior quando este é efeito da intencionalidade humana, ou da especificidade do ser social, afastando-o da sua animalidade. Em outras palavras, Ortigara (2002) e Oliveira (2018) acabam não somente reproduzindo, mas intensificando o limite das abordagens culturalistas ao tornar o movimento “demasiadamente humano”, pois levam em consideração a essência ontológica do “dever-ser” no trabalho que, ao atuar sobre o humano mobiliza sua ação para uma transformação material do objeto natural, como neste caso o próprio movimento. Tal virada ontológica acaba por operar através de uma cisão entre humano e o animal, determinando uma supremacia do primeiro em relação ao segundo. É precisamente essa cisão que se faz necessário pôr ao avesso, e mostrar um *continuum* da vida animal que não separaram ontologicamente o humano do animal.

Destarte, passar pelo avesso da retomada ontológica proposta por estes autores, consistiria levar em consideração a necessidade de questionar essa colonização humana do movimento, e acenar para uma relação outra de modo que ao invés de afirmar a supremacia do movimento humano, considera experimentar o movimento de forma a pôr em contato com sua animalidade. Neste sentido, ao invés do movimento afirmar a determinação ontológica do ser social (como queriam Ortigara e Oliveira), faz com o que o humano alcance seu mais alto grau de animalidade, tecendo zonas de vizinhanças com uma ética,

pensamento e política animal – ou conforme Massumi (2017), um *continuum* animal. Percorrer tal avesso, talvez, seja uma trilha fértil para uma virada ontológica na Educação Física que tem no corpo e suas variações intensivas seu horizonte de acontecimento.

## FINANCIAMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

## NOTAS

### CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

### AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

*Elder Silva Correia* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

*Fábio Zoboli* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

*Felipe Quintão de Almeida* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de.; VAZ, Alexandre Fernandez Vaz. Do giro linguístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em educação física. *Movimento*, v. 16, n. 3, p. 11-28, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.12485>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Organismo, corpo e linguagem na Educación Corporal: uma mirada? Crítica. *Conexões*, v. 19, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8661452>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo. Traçados analíticos e esforços de autointerpretação: uma entrevista com Valter Bracht. In: ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo (Org.). *Valter Bracht e a Educação Física: um pensamento em movimento*. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 239-315.

ARAÚJO, Arthur. Intencionalidade e Umwelt. *Filosofia Unisinos*, v. 19, p. 105-120, 2018. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/fsu.2018.192.01>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ÁVILA, Astrid. *Pós-graduação em educação física e as tendências na produção do conhecimento: o debate entre realismo e antirrealismo*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ÁVILA, Astrid; MULLER, Carlos Herold; ORTIGARA, Vidalcir. Ciência e ontologia: alguns apontamentos para refletir a pesquisa em educação física. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 15. e2., 2007, Recife. Anais... Recife: CONBRACE, CONICE, 2007.

BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, n. 3, p. 25-45, 1994. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Mauro-Betti/publication/281407725\\_O\\_que\\_a\\_semiotica\\_inspira\\_ao\\_ensino\\_da\\_educacao\\_fisica/links/55e5b5c908aede0b57371d0c/O-que-a-semiotica-inspira-ao-ensino-da-educacao-fisica.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Mauro-Betti/publication/281407725_O_que_a_semiotica_inspira_ao_ensino_da_educacao_fisica/links/55e5b5c908aede0b57371d0c/O-que-a-semiotica-inspira-ao-ensino-da-educacao-fisica.pdf). Acesso em: 10 nov. 2022.

BETTI, Mauro. *Corpo, motricidade e cultura: a fundação pedagógica da educação física sob uma perspectiva fenomenológica e semiótica*. 2006. Relatório de pesquisa apresentado ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências. Bauru, 2006.

BETTI, Mauro. As três semióticas e a educação física como linguagem. *Conexões*, v. 19, e021021, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8661420>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BRACHT, Valter. *Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Unijuí; 1999.

BRACHT, Valter. Depoimento. In: CASTELLANI FILHO, Lino. (Org.). *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 2009, p. 143-155.

BRACHT, Valter. *A Educação Física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física)*. Ijuí: Unijuí, 2019.

CORREIA, Elder Silva. *A virada ontológica na educação física: da potência de movimento ao plano eto-educacional*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2022.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GAMBOA, Silvio. Reações ao giro linguístico: o "giro ontológico" ou o resgate do real independente da consciência e da linguagem. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 15. e2., 2007, Recife. *Anais...* Recife: CONBRACE, CONICE, 2007.

MASSUMI, Brian. *O que os animais nos ensinam sobre política*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

HÚNGARO, Edson Marcelo. *Modernidade e totalidade: em defesa de uma categoria +- ontológica*. 2001. 246f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2001.

HÚNGARO, Edson Marcelo. Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer. 2008. 266f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

OLIVEIRA, Rogério Paes. *A participação da educação física na formação humana: uma necessidade onto-histórica para além da particularidade do capital*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Mestrado Acadêmico em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, Universidade Estadual de Ceará, Fortaleza/CE, 2018.

ORTIGARA, Vidalcir. *Ausência sentida nos estudos em educação física: a determinação ontológica do ser social*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ORTIGARA, Vidalcir. Movimento humano, ontologia do ser social e educação física. *Motrivivência*, v. 36, n. 36, p. 63-74, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n36p63>. Acesso em: 09 out. 2022.

VAZ, Alexandre Fernandez. Certa herança marxista no recente debate da Educação Física no Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 25, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/96236>. Acesso em: 15 nov. 2022.

Recebido em: 21 dez. 2022

Aprovado em: 18 jun. 2023

---

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

---

*A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:*

